

O sumiço da água ocorre onde o homem mais interfere

A culpa é dos “selvagens” ou dos “civilizados”?



Antigo leito dum rio destruído pelo garimpo de draga, Palmeiras, Chapada Diamantina, Bahia

Caras irmãs e caros irmãos espalhados pela Mãe Gaia:

Incêndios criminosos estão devastando minha e tantas outras regiões do Brasil.

É uma fúria organizada e orquestrada contra a Vida nas suas formas animal, vegetal, hídrica (...) e uma guerra total contra o futuro da própria Vida em geral.

Não tenho dúvidas que o assim chamado “Homem Civilizado” é o Câncer da Mãe Terra.

Claro, sabemos que o grande esforço destrutivo da parte do “homem civilizado” tem mais faces que aquela dos repetitivos incêndios com intervalos cada vez mais curtos entre eles e que excedem a resiliência da vegetação. Tanto aqui na Chapada Diamantina, Bahia, onde tenho domicílio, quanto geralmente nas regiões brasileiras que melhor conheço: Nordeste e Norte e Centro-Oeste.



Após mais um incêndio criminoso no PN Chapada Diamantina, mun. de Palmeiras, Bahia



Durante mais um incêndio criminoso no município de Piatã, Chapada Diamantina, Bahia

Mas antes de tratar outros exemplos de como o “homem civilizado” trabalha desenfreadamente para tornar a Mãe Terra num planeta

desertificada e quais os sinais inconfundíveis disto (usando a Chapada Diamantina como exemplo), gostaria de oferecer o que mais precisamos neste momento histórico se quisermos que as futuras gerações, nossos filhos e netos e bisnetos, também, tenham condições de sobreviver e viver bem na nossa Mãe Gaia. E aquilo que ofereço é o que mais precisa o “homem civilizado” se quiser tornar *realmente* civilizado: **Sabedoria Ética**.



Falo é de sabedoria ética usando um exemplo histórico e vivo e facilmente praticável. Exemplo de como deveríamos agir como humanidade toda, como comunidades responsáveis e como mulheres e homens **verdadeiramente civilizados**:

As Seis Nações Indígenas Haudenosaunee Confederadas (chamada “Confederação Iroquesa” ou “Liga da Paz e da Força” pelos não-indígenas) que vivem naquelas áreas hoje ocupadas pelos Estados Ontário e Quebec (Canadá) e Nova York e Pensilvânia (Estados Unidos) estipularam há muitos séculos na sua Grande Lei (= Constituição) o seguinte (entre muitas outras coisas): **“O Preceito da Sétima Geração”**.

“Olhamos pra frente, como é uma das primeiras obrigações do nosso mandato como chefes [caciques], para garantir que qualquer e toda decisão que fazemos esteja relacionada ao bem-estar da sétima geração por vir. Consideramos sempre antes de decidir qualquer coisa quais as conseqüências que herdarão aqueles que vêm sete gerações [mais ou menos 150 anos] mais tarde”, explica Oren Lyons, um dos Chefes [Caciques] da Nação Onondaga, maior das seis Nações da Confederação Haudenosaunee.

Ora! Que artigo constitucional fenomenal! Obriga os chefes reunidos no Conselho Confederado de aplicá-lo sempre. E além disso, e tal vez mais importante ainda, é também um princípio totalmente integrado na vida cotidiana das Seis Nações Haudensaunee.

Impossível alguém destruir uma floresta, um rio, o solo (...) por motivos egoístas como a avidez. Impossível que mulheres e homens assim verdadeiramente civilizados (sem aspas) cheguem a resultados destrutivos como a perversa civilização, aquela entre aspas, aquela que invadiu vindo da Europa.

Aquela que em pouco mais que meio milênio conseguiu destruir quase tudo que o pluriverso de Povos Indígenas tanto no norte da América quanto no sul estava velando durante muitos milênios. Pluriverso indígena este que não causou poluição, que na sua maioria não causou nem pobreza pra muitos, nem riqueza pra poucos, não causou aquecimento global, não causou envenenamento de rios, animais, plantas e pessoas, não incendiou, nem acabou com florestas, não causou avalanches de lama tóxica, e tampouco esbanjou a água ate o sumiço, nem provocou a desertificação de lugar algum.



Artesã indígena na TI Kariri-Xocó (AL), ocupada e devastada por invasores posseiros

Isto esclarecido e interiorizado parece difícil que tenha alguém que ainda duvide que seja o Índio *o verdadeiro civilizado* e que seja o (descendente do) invasor europeu *o verdadeiro selvagem bárbaro* que destrói tudo, ate seus próprios filhos e netos, na sua **loucura aparentemente incurável pelo Mais** (o aumento incessante da riqueza material).

As duas tecnologias que melhor dominam os "homens civilizados" (entre aspas!), são a de destruir e a de mentir.



"Como deve ser sagaz a linguagem dos Brancos, se conseguem fazer o certo aparecer errado, e o errado como certo", observou, já no século XVIII, Ma-ka-tai-me-she-kia-kiak (Gavião Negro), um chefe do povo Sauque.

E o chefe Hinmaton-Yalaktit (Trovão Surgindo da Água) do povo Nez Perce complementou:



"Para falar a verdade não se precisa de muitas palavras".

Bingo! Vamos, então, olhar a verdade a respeito do sumiço (recoo, escassez progressiva) da água, das chuvas e dos riachos e das nascentes.

A situação climática no coração da Bahia mudou drasticamente durante os últimos 20-25 anos (período que me movimento in loco). Tão drástico alias que simplesmente não acredito quando climatólogos e outros (supostos) versados falam que nem por 1° Celsius a temperatura subiu desde a Revolução Industrial, mais ou menos dois séculos atrás. Tenho convicção profunda que subiu na

Chapada Diamantina mais do que 1°C só durante aquele quarto de século que estou por aqui. E tenho, também, convicção profunda (e empírica!) que a água está acabando com uma velocidade cada vez mais acentuada nos últimos dez anos.

Lembro-me nitidamente que no início dos meus dias na Chapada Diamantina sempre quando me metia nas matas e serras do Parque Nacional voltava todo sujo de lama preta. De tanta água que corria em tudo que é canto. E de tanto atolador que era preciso vencer.



Retrato do ano 2006 de uma das trilhas no PN Chapada Diamantina – Água em todo canto

Também me lembro de campos brancos de tantas sempre-vivas que estavam em flor. Não a toa se considerava e apelidava a Chapada Diamantina como **reservatório da água de toda Bahia**.

Hoje, ou 20-25 anos depois disso, também, volto com braços, pés e pernas pretas das serras e matas do Parque Nacional. Mas pretas de carvão e cinzas! E em vez de atolador e pântano e brejo e nascentes amiúdes tem chão endurecido, ressecado.



Dezembro de 2015: No que era uma vez um leito de rio, PN Chapada Diamantina

Mais ao sudoeste do Parque Nacional fica o município de Piatã. Piatã, não a toa apelidada de “capital do frio”, metia medo em quem não fosse acostumado. De tão bravo que era o frio rotineiramente. E o mesmo pode-se dizer das incessantes chuvas e garoas e das persistentes neblinas.



Sede do município de Piatã, Chapada Diamantina, Bahia

Tinha tantas nascentes que comprando um pedaço de chão pra construir precisava-se ciência e paciência pra achar aquele pedaço onde *não* brotava água (e permitia a construção de uma casa). E mesmo assim apareceu lodo verde em todas as paredes em poucos dias por causa da umidade alta e crônica. Exatamente como no meu caso, na minha casinha que construí.

Os agro-fascistas (*gafanhotos sulistas e nissei* – no meu vocabulário) que outrora chegaram e compraram vastas quantidades de terras a preço de banana passaram à vontade seus tratores por cima de nascentes “perturbantes”.

Assim foi. Só uma década atrás.

Hoje roda o carro-pipa no nosso município. E coronel com poço ganha grana preta. Pra gente não morrer de sede num quase permanente

sertanejo calor infernal (e dez anos antes totalmente desconhecido em Piatã).



Agricultura estilo gafanhoto, Agropecuária Irmãos Nishioka, município de Piatã

E os que já estavam ricos ou tornaram ricos com a destruição ambiental (como no Brasil eufemisticamente se chama "a vaca santa Agronegócio") começaram a furar poços. Que tornarão cada vez mais fundos na medida em que gastam a água do subsolo. Deixando os outros cada vez mais dependentes de carros-pipa porque como consequência lógica de poços cada vez mais profundos sumirão até as últimas nascentes naturais restantes com o progressivo abaixamento do nível da água subterrânea.

E o que isto significa no interior nordestino, entra século sai século, é o coronelismo mais fortalecido ainda.

Prefeitos e suas quadrilhas que roubam tudo que é (deveria ser) público (vulgo *do povo*, ou *nosso*) e depois dão esmola aqui e acolá como se fossem grandes altruístas e bem-feitores via uns miseráveis carros-pipa pra manter seu voto-de-cabresto vivo. "Democracia" estilo Nordeste brasileiro (e não só aqui).

Uma Grande Roubalheira do Interior que caiu no esquecimento. Porque a mídia apenas reporta da roubalheira no seu nível federal (Governo e Congresso). No nível federal, porém, são esquemas mafiosos através dos quais é desviado um ou dois ou três (...) por centos do dinheiro público envolvido num contrato qualquer com empresas privadas.

No Interior eles, os eleitos "chefes civilizados" e seus bandos roubam é TUDO.

E o literal oposto de toda esta roubalheira, como sempre, é o modo indígena.

Ao menos daqueles Indígenas que (ainda) não aprenderam e/ou assimilaram o delírio da corrupção da parte dos “mestres civilizados” e que deram coisas bonitas como **o Costume do Mutirão** à Cultura Brasileira Popular.

Ohiyesa (Charles Alexander Eastman) do povo Wahepton Santee Sioux explica: *“Foi nossa crença que o gosto das posses é uma fraqueza que deve ser vencida. Ele atrai pela parte material das coisas e se deixá-lo seguir em frente vai perturbar o equilíbrio espiritual com o tempo. Portanto, as crianças devem aprender desde cedo da beleza da generosidade. Ensinamos-lhas para dar de presente o que mais apreciam. Para que possam saborear a felicidade do dar.”*

No mundo do “homem civilizado” entre aspas, porém, têm mais absurdos que os “chefes civilizados” fazem nesta situação da água cada vez mais escassa.



Lucro para mineradora multinacional (minerando fora da lei) e politikeiros (dando cobertura) – Destruição para os nativos de muitas gerações, município de Piatã

Aqui em Piatã colocaram tapete vermelha para mineradora multinacional (que nem em Mariana, MG). Para minerar (= destruir serras inteiras e todas suas nascentes, solos e subsolos para muito mais que “apenas” sete gerações futuras) sem qualquer licença ambiental exigida pelas leis vigentes (e nunca obedecidas). Sem licença e muito menos **consideração para a Vida**, e/ou os moradores nativos e seus (futuros) filhos e netos.

Isto em plena luz de dia, ano por ano. Porque aqui (na Chapada Diamantina, Bahia e Nordeste e Norte e Centro-Oeste em geral) pode tudo. Se for forte financeiramente e pagar um pouco de seus lucros criminosos aos coronéis e seus capatazes da vez (vulgo “da situação”).

E como tudo isto ainda não seria o suficiente surgiu agora a moda de desmatarem como enlouquecidos em redor de todas as cidadezinhas e vilas. Para fazer “lotações” (aposto que tão ilícitas e sem licenças ambientais que nem as mineradoras). Para lucrar com a beleza das paisagens da Chapada e atrair gente com grana para fazer residência aqui.



Ontem mata nativa – Hoje loteamento, Piañã

Ora! **Querem é multiplicar o número de habitantes, com as atuais populações já em dificuldades agudas de matar sua sede** e entregues aos cínicos coronéis-bandidos que elegeram sem haver alternativa substancial por serem (quase) todos os candidatos de índole e prática criminosas!

Dificuldades agudas de matar sua sede graças aos assassinos ruralistas que acabam com a Natureza (e com os pequenos produtores familiares), seja via incêndios criminosos e interesseiros, seja via desmatamento total (matas ciliares inclusas), seja via envenenamento das terras (e águas) com agrotóxicos letais, seja via esbanjamento (poços artesanais cada vez mais profundos) das últimas reservas aquáticas (dos lençóis freáticos) para o lucro de um punhado de já ricos gafanhotos sulistas e nissei. Que viram para destruir (o que eles cinicamente chamam de “produzir” e “desenvolver”), tirar o máximo de lucro em poucos anos e que vão embora quando a terra começa a entrar em colapso e virar deserto envenenado e irrecuperável.



Ontem mata nativa – Hoje loteamento, município de Palmeiras

E os “selvagens índios”? Como enxergam este “progresso” e este “desenvolvimento”?

Olhem o que o Chefe e ator Dan George da nação Tseil-Waututh disse pouco antes de falecer em 1981:



“[Com tantos atos de destruição] Não vai demorar muito e meu neto vai ansiar pelo grito duma águia, pela cintilação dum salmão, pelo sussurrar das folhas duma árvore. Mas não vai achar nem fazer amizade com nenhuma destas criaturas e ele vai me amaldiçoar. Será que fiz tudo para manter o ar limpo? Será que cuidei o suficiente da água? Deixei a águia subir em liberdade? Fiz de tudo que podia para merecer a afeição do meu neto?”

E revelou, também, numa pequena frase só, o porquê no mundo dos “civilizados” haver tanta destruição, tantas guerras e conflitos, e quase nunca paz: *“Onde ninguém invade, muitos podem viver em harmonia.”*

O "homem civilizado" do Brasil, porém, se mostra cada vez mais desenfreado na sua sede de invadir e destruir. Possuído por uma loucura de avidez se esqueceu totalmente que seus filhos e netos tampouco escaparão quando a Mãe Terra ressecar por completo.

Ou será que acha que tem planeta reserva, uma "Terra II", esperando por aí?



"E daí?"

Bom, se for essa a pergunta nesta altura do campeonato, comprova que o sujeito não tem mais jeito.



Mas se você for uma pessoa que exerce sua faculdade de raciocinar e, sobre tudo, de sentir e agir eticamente, certamente sente que já passou da hora de **TAMBÉM AGIR**. De arregaçar as mangas e entrar com tudo que tem na luta da (auto-) conscientização, na luta de mudar seus hábitos, na luta de barrar os gafanhotos e seus coronéis.

Uma luta que deve ser travada na casa própria, na vila, no município, no Estado, na região e país e mundo afora. Já que é um planeta só. E tudo está entrelaçado. E tudo que fazemos ou deixamos de fazer causa conseqüências para todos. Ate aqueles que ainda nem nasceram.

E quem não faz nada e coloca sua cabecinha na areia que nem avestruz (ou noveleiro) é cúmplice dos assassinos da Mãe Terra, da Água e da Vida. Não existe chão neutral entre Vida e Morte. Entre assassino e vítima. Tem de se posicionar e lutar. Ponto.

Um Mundo – Um Amor – Muitas Culturas!

Como epílogo anexo algumas afirmações a mais da parte dos "selvagens" entre aspas vulgo **civilizados e racionais sem aspas**. As traduzi para sua assimilação mais fácil. E se alguém gostaria saber por que só cito declarações de Índios do norte da América e não do Brasil a resposta é fácil: Porque invasor português nenhum se deu o trabalho de querer saber, muito menos anotar, as sabedorias daqueles que invadiu para roubar, escravizar e exterminar. E seus descendentes latifundiários e ruralistas aparentemente seguem nesta mesma tradição.



"Nós demos ao homem branco serras cobertas de florestas e vales recheados de caça. E ele nos deu o que em contrapartida? Bebida [alcoólica], bugigangas e uma vala comum."



Chefe Tecumseh (Estrela Cadente) do povo Shawnee



"O Grande Espírito está em todas as coisas: está no ar que respiramos. O Grande Espírito é nosso pai, mas a Terra é nossa mãe. Ela nos sustenta; aquilo que colocamos no solo ela nos devolve."
Chefe Bedagi (Trovão Grande) do povo Wabanaki Algonquin

"Tudo na Terra tem um fim, para toda doença tem uma erva de cura, e toda pessoa tem uma missão. Esta é nossa teoria de existência."



Humishuma (Pomba Enlutada *vulgo* Christine Quintasket) do povo Okanogan



"O Homem Sábio acredita profundamente no silêncio – o sinal de equilíbrio perfeito entre corpo e mente e espírito. O silêncio é o fundamento do caráter."

Ohiyesa (Charles Alexander Eastman) do povo Wahpeton Santee Sioux



"Entre nós não existiam leis escritas. Passamos costumes de geração para geração e estes eram as únicas leis para guiar nossa gente. Cada um poderia agir diferente daquilo que consideramos o certo, mas estes atos provocariam a repreensão da Nação. Este medo da repreensão da Nação atuava como uma corda poderosa ligando todos num acordo social honroso."



Chefe Kah-ge-ga-bowh (George Copway) do povo Ojibwa



"Respeito significa escutando ate que todos fossem ouvidos e seus argumentos entendidos. Só então existe uma chance de chegar em 'Equilíbrio e Harmonia' que formam a finalidade de nossa Espiritualidade."

Dave Chief do povo Oglala Lakota

"Não convidamos o homem branco a vir para cá. O Grande Espírito nos deu estas terras como nosso lar. Vocês [brancos] tinham as suas [terras]. E nós não intervimos com vocês. O Grande Espírito nos deu terras onde viver, e búfalo, veado, antílope e outra caça mais. Mas



vocês vieram para cá e estão tomando minhas terras, matando nossa caça, para tornar nossa vida difícil. E agora vocês falam que é para trabalhar para viver. Porém, o Grande Espírito não criou a gente para trabalhar, mas para caçar para viver. Vocês homens brancos podem trabalhar se quiserem. E nos não interferimos com vocês. E como podem reprimir a nós dizendo que nós não queremos tornar civilizados? Nós não queremos sua civilização! Queremos viver como nossos pais viviam, e nossos avôs e bisavôs!"



Chefe Tashunca-uitco (Cavalo Possuído) do povo Oglala Lakota